

Franco, Irley F.; Brandão, Renato Matoso

Os Argumentos formais dos Platonistas em favor da existência das ideias no ΠΕΡΙ ΙΔΕΩΝ e na Metafísica A9 de Aristóteles

ANAIS DE FILOSOFIA CLÁSSICA

OS ARGUMENTOS FORMAIS DOS PLATONISTAS EM FAVOR DA EXISTÊNCIA DAS IDEIAS NO ΠΕΡΙ ΙΔΕΩΝ E NA METAFÍSICA A9 DE ARISTÓTELES

Irley F. Franco; Renato Matoso Brandão
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

RESUMO: Em *Metafísica A*, 9 (990b 8-29), Aristóteles nomeia e critica cinco argumentos usados pelos platonistas para provar a existência das ideias. A exposição aristotélica, contudo, é muito breve e não inclui nem a demonstração nem a refutação completas de nenhum dos argumentos. Não fossem os comentários de Alexandre de Afrodísia, que complementam o texto da *Metafísica* com citações e paráfrases do livro ΠΕΡΙ ΙΔΕΩΝ, obra da qual nos restam apenas fragmentos e onde Aristóteles teria exposto, pela primeira vez, uma crítica formal à teoria das ideias, a passagem permaneceria totalmente enigmática e incompreensível. Nosso objetivo, neste artigo, é reconstituir, com base no texto de Alexandre, os argumentos dos platonistas e as críticas de Aristóteles a cada um deles. Acreditamos que tal reconstituição possa ser proveitosa para os estudiosos da área, sobretudo devido à escassez de bibliografia em nossa língua. Pretendemos, ainda, apresentar ao leitor um panorama crítico do texto aristotélico em questão, explorando alguns de seus principais comentadores.

PALAVRAS CHAVE: Aristóteles, Alexandre de Afrodísia, Teoria das Ideias, *Metafísica*, *Peri Ideon*.

ABSTRACT: In *Metaphysics A*, 9 (990b 8-29), Aristotle mentions and criticizes five arguments, which are said to be used by the Platonists for the existence of Ideas. The passage is very brief, though, and does not present a systematic account of these arguments or a complete exposition of his line of refutation. In fact, the whole passage would be unintelligible, if not for the comments of Alexander of Aphrodisias, who offers complement to the text quoting and referring to the content of the ΠΕΡΙ ΙΔΕΩΝ, a lost book in which Aristotle brings forward a formal criticism to the Theory of Ideas. In this paper, we use Alexander's commentary to recompose the five mentioned arguments and the objections Aristotle makes to each of them. Further, we deal with the secondary literature on the issue in order to give a critical overview of Aristotle's text.

KEYWORDS: Aristotle, Alexander of Aphrodisias, Theory of Forms, *Metaphysics*, *Peri Ideon*.

Franco, Irley F.; Brandão, Renato Matoso

Os Argumentos formais dos Platonistas em favor da existência das ideias no ΠΕΠΙ ΙΔΕΩΝ e na Metafísica A9 de Aristóteles

Aristóteles, em *Metafísica A*, 9 (990b 8-29) nomeia e refuta cinco argumentos que, segundo ele, eram usados pelos platonistas (dentre os quais ele próprio se inclui)¹ para provar a existência das ideias. A passagem é extremamente econômica: os argumentos e suas respectivas objeções são rapidamente mencionados, mas nunca demonstrados. Tudo se passa como se Aristóteles supusesse uma exposição anterior, mais detalhada e já conhecida pelo público. Essa exposição, acreditam alguns, era parte do ΠΕΠΙ ΙΔΕΩΝ, livro perdido do filósofo e do qual restam-nos apenas fragmentos.

O principal testemunho da existência do ΠΕΠΙ ΙΔΕΩΝ é o *Commentaria in Metaphysica*, de Alexandre de Afrodísia (séc. II-III a.C.), filósofo e filólogo, comentador de Aristóteles e de quem, felizmente, várias obras chegaram-nos inteiras. Em seu comentário à *Metafísica*, citações ou paráfrases do livro perdido aparecem intercaladas no texto. A doxografia referente aos fragmentos de Aristóteles, por outro lado, nada diz de preciso acerca dos desenvolvimentos aí contidos² e, em consequência, é ainda o comentário de Alexandre a única fonte para o conteúdo desse tratado *Sobre as Ideias*, em que Aristóteles teria, pela primeira vez, exposto uma crítica formal à “teoria das ideias”.

Nosso objetivo nesse artigo é reconstituir, com base no texto de Alexandre, os argumentos dos platonistas e as críticas de Aristóteles a cada um deles. Acreditamos que tal reconstituição possa ser proveitosa para os estudiosos da área, sobretudo devido à escassez de bibliografia em nossa língua. Pretendemos, ainda, apresentar ao leitor um panorama crítico do texto aristotélico em questão, explorando alguns de seus principais comentadores.

¹ Tanto no ΠΕΠΙ ΙΔΕΩΝ quanto na *Metafísica* (se bem que, neste último livro, não o tempo todo) as objeções são feitas na primeira pessoa do plural. Como observou Suzanne Mansion, em seu artigo “La critique de la théorie des idées dans le ΠΕΠΙ ΙΔΕΩΝ d' Aristote” (*Révue Philosophique de Louvain*, n.47, 1949, p.170), a análise de Aristóteles tem um caráter imanente: Não se tratava este livro, —diz ela—, de uma dissertação sobre a natureza e o modo de existência das ideias acompanhada de uma crítica externa ao sistema de Platão. Tratava-se de uma análise interna, isto é, feita do ponto de vista de um partidário das ideias, dos argumentos usados pelos platonistas em favor da existência das ideias, acompanhada de uma refutação a cada um desses argumentos com o objetivo de “apenas analisar as consequências de suas premissas”, premissas as quais, ela supõe, pertenciam também a Aristóteles.

² Referências explícitas ao ΠΕΠΙ ΙΔΕΩΝ podem ser encontradas em Syrianus, (*Commentarius in Metaphysica*, 120, 33-121, 4; 195, 10-15); no Pseudo-Alexandre (*Commentarius in Metaphysica*, 836, 34-837, 3) e no escoliasta Dionísio o Trácio, 116, 13-16. Compilações de fragmentos referentes à obra de Aristóteles podem ser encontradas em Walter Leszl, *Il de Ideis di Aristotele e la Teoria Platonica delle Idee*, 1975; V. Rose, *Aristotelis qui ferebantur librorum fragmenta*, 1886, fragmentos 185, 186, 187; D. Ross, *Aristotelis Fragmenta Selecta*, 1955; Jonathan Barnes e Gavin Lawrence, “Fragments”, em *The Complete Works of Aristotle*, v. 2, 1985, p. 2384 sq.; prepara-se uma edição com tradução portuguesa a cargo de A. C. Caeiro e P. Mesquita.

Franco, Irley F.; Brandão, Renato Matoso

Os Argumentos formais dos Platonistas em favor da existência das ideias no ΠΕΡΙ ΙΔΕΩΝ e na Metafísica A9 de Aristóteles

Embora possa parecer excessivo, adotamos como estratégia para o desenvolvimento do tema transcrever, na íntegra, os argumentos e objeções em que Alexandre faz citações *verbatim* do livro perdido de Aristóteles. Abaixo, citamos o texto da *Metafísica* onde esses argumentos aparecem resumidos:

Metafísica A, 9, 990b 8-29: “De todos os argumentos por meio dos quais demonstramos a existência das ideias, nenhum é convincente. Alguns dentre eles não conduzem a uma conclusão necessária e outros conduzem a ideias de coisas das quais, na nossa opinião [*sc.* nós os platonistas], não pode haver ideias. Com efeito, segundo os argumentos provenientes da existência das ciências (ἐκ τῶν ἐπιστημῶν) haverá ideias de todas as coisas das quais houver ciência; segundo o argumento da unidade de uma multiplicidade (τὸ ἓν ἐπὶ πολλῶν), haverá ideias mesmo de negações (ἀποφάσεων); enfim, segundo o argumento de que é possível pensar o perecido (τὸ νοεῖν τι φθαρέντος), haverá ideias de coisas perecíveis, pois podemos ter destas coisas uma imagem. Além disso, dos argumentos mais rigorosos (οἱ ἀκριβέστεροι), uns conduzem a ideias de relações (πρὸς τι), as quais, pensamos, não possuem uma classe (γένος) em si (καθ’ αὐτό), os outros conduzem ao terceiro homem (τρίτον ἄνθρωπον). E, em geral, as demonstrações da existência das ideias destroem as coisas por cuja existência estamos mais ansiosos (βουλόμεθα) do que pela existência das ideias; pois segue-se que, não a díade, mas o número será primeiro, isto é, que o relativo será anterior ao em si (καθ’ αὐτό) e todos os outros pontos sobre os quais certas pessoas, seguindo as opiniões sustentadas sobre as ideias, entraram em contradição com os seus princípios. Além disso, de acordo com a concepção em que apoiamos (φάμεν) nossa crença nas ideias, haverá ideias não apenas de substâncias (οὐσιῶν), mas também de muitas outras coisas diferentes – pois o pensamento (νόημα) é um, não somente no caso da substância (οὐσίας), mas também de muitas outras coisas, e não há somente ciência de substância, mas também de outras coisas, e há uma infinidade de outras consequências desse tipo. Mas, de acordo com a necessidade e as opiniões sustentadas sobre as ideias, se as ideias são participáveis, inevitavelmente é somente de substâncias (οὐσιῶν) que pode haver ideias.”

A maior parte dos comentadores dessa passagem acredita que Aristóteles divida os argumentos em duas classes estritamente distintas: (I) não-conclusivos, isto é, argumentos cujas premissas não levam necessariamente às conclusões (οὐκ ἀνάγκη γίνεσθαι συλλογισμόν): (1) o das ciências (τὸ ἐκ τῶν ἐπιστημῶν); (2) o da unidade da multiplicidade (τὸ ἓν ἐπὶ πολλῶν); (3) o da eternidade das coisas perecíveis (τὸ νοεῖν τι φθαρέντος); e (II) mais rigorosos (οἱ ἀκριβέστεροι): (4) o dos relativos (τὸ ἐκ τῶν πρὸς τι / καὶ τῶν πρὸς τι) e (5) o do terceiro homem (ὁ τοῦ τρίτου ἀνθρώπου λόγος).

Franco, Irley F.; Brandão, Renato Matoso

Os Argumentos formais dos Platonistas em favor da existência das ideias no ΠΕΡΙ ΙΔΕΩΝ e na Metafísica A9 de Aristóteles

Alexandre, entretanto, parece sugerir, em 78, 9-25, que Aristóteles não tinha a intenção de fazer uma distinção rigorosa dessas duas classes, mas apenas de indicar que algumas das provas dos platonistas encaixam-se num ou noutra sentido, e outras em ambos.

Além disso, nem todos os argumentos dos platonistas estão mencionados aqui. Havia argumentos que Aristóteles considerava inteiramente falsos, no sentido em que não provavam absolutamente nada do que deveria ser provado e, segundo Alexandre, “por essa razão, Aristóteles não menciona nenhum argumento desse tipo, mas censura apenas aqueles que parecem demonstrar alguma coisa”.

Destes argumentos falsos, Alexandre fornece alguns exemplos em 78, 13-18: (i) se a verdade é algo real, há ideias, pois nenhum objeto do mundo dos fenômenos é verdadeiro; (ii) se há memória, então também há ideias, pois o objeto da memória é estável (τοῦ μὲν ὄντος); (iii) o correlato do número é verdadeiramente existente (ὄντος εἶναι), mas os fenômenos não são verdadeiramente existentes (οὐκ ὄντα), de modo que o correlato do número deve ser a ideia; (iv) definições referem-se a coisas verdadeiramente existentes (ὁ τοὺς ὀρισμοὺς τῶν ὄντων εἶναι) e nenhum dos fenômenos é verdadeiramente existente (τούτων δὲ μηδὲν εἶναι).

Isso significa, provavelmente, que todos os argumentos mencionados em A, 9 demonstram alguma coisa. A questão de se, dentre esses argumentos, apenas (4), ou se ambos (4) e (5) são classificados de ἀκριβέστεροι é muito disputada entre os comentadores. Alexandre explica ἀκριβέστεροι como significando argumentos que provam, não meramente que o predicado comum é algo que está para além dos particulares, mas que é também παράδειγμα desses particulares e inclui o argumento do terceiro homem nessa classificação, o que, como veremos, entra em contradição com a sua própria definição de ἀκριβέστεροι.³ Mas a esse assunto voltaremos, após a exposição das demonstrações e objeções dos argumentos não-conclusivos.

OS ARGUMENTOS NÃO-CONCLUSIVOS

³ Alexandre, *op. cit.*, 83, 17-22; 85, 5-8.

Franco, Irley F.; Brandão, Renato Matoso

Os Argumentos formais dos Platonistas em favor da existência das ideias no ΠΕΡΙ ΙΔΕΩΝ e na Metafísica A9 de Aristóteles

Argumento 1: O primeiro argumento é na verdade triplo, porque se funda no triplo caráter dos objetos da ciência: (i) universalidade; (ii) ausência de indeterminação, e (iii) valor absoluto.⁴

De acordo com (i)

“se toda ciência (πᾶσα ἐπιστήμη) ao realizar sua obra refere-se a um objeto único e idêntico (ἐν τι καὶ τὸ αὐτὸ) e não a este ou aquele objeto particular (ao triângulo, e não a um determinado triângulo traçado, por exemplo⁵), então deve haver, no caso de cada ciência, alguma coisa a mais, independente das coisas sensíveis (παρὰ τὰ αἰσθητὰ) e que serve a estas como modelo (παράδειγμα). A ideia é algo desse tipo; (ii) As coisas das quais há ciência (ἐπιστήμη) são, mas as ciências lidam com coisas independentes das particulares, pois estas são ilimitadas e indefinidas (ἄπειρά τε καὶ ἄοριστα), enquanto que os objetos das ciências são determinados (ὀρισμένων). Logo, há determinadas coisas que são independentes das particulares, e estas coisas são as ideias;⁶ (iii) se a medicina não é a ciência (ἐπιστήμη) de uma saúde particular mas da saúde em geral, então deve haver uma saúde em si (αὐτοῦγία), e se a geometria não é a ciência desse igual ou desse comensurável deve haver um igual em si (αὐτόϊσον) e um comensurável (αὐτοσύμμετρον) em si, e estes são ideias.”⁷

⁴ As três formas que Alexandre expõe e cuja fonte, presumivelmente, é o ΠΕΡΙ ΙΔΕΩΝ não são as únicas desse argumento. Diz ele, em 79, 3-5 que havia outras. Especificamente sobre o argumento “das ciências”, ver Daniel Frank, “A Disproof in the ΠΕΡΙ ΙΔΕΩΝ”, em *Southern Journal of Philosophy*, n.22, 1984, pp.49-59.

⁵ Esse exemplo não é encontrado no texto tradicional, que é o adotado por Hayduck, mas no Cod. Laurent. (L), o qual, segundo Robin, contém “uma versão diferente, às vezes interessante, mas frequentemente medíocre, de uma parte do comentário de Alexandre” (*op. cit.*, 1908, p.17, n.2).

⁶ De fato, todos os elementos dessa demonstração estão exemplificados nos diálogos platônicos. É comum Platão começar uma investigação filosófica estabelecendo a existência do objeto do pensamento ou do conhecimento. Assim, por exemplo, no *Fédon* 65d, Sócrates pergunta a Símiias: φαμέν τι εἶναι δίκαιον αὐτὸ ἢ οὐδέν; e um pouco mais adiante [...] Καὶ αὖ καλὸν γέ τι καὶ ἀγαθόν; [Afirmamos ser o próprio justo algo ou nada? [...] e também o bom e o belo são algo?]. E, na *República*, 476e, a mesma pergunta se repete em outros termos: ὁ γινώσκων γινώσκει τι ἢ οὐδέν; σὺ οὖν μοι ὑπερέκειναι ἀποκρίνου. Ἀποκρινούμαι, ἔφη, ὅτι γινώσκει τί. Πότερον ὄν ἢ οὐκ ὄν; Ὅν· [O que está conhecendo conhece algo ou nada? Responderei, disse, que conhece algo. Algo que é ou que não é? Algo que é.] Platão, algumas vezes, vincula a existência dos objetos do conhecimento à sua inteligibilidade, como é o caso na *República* 477a-b. A inalterável identidade do objeto de qualquer ἐπιστήμη pode ser inferida da afirmação do *Laques* (198d-199b) de que o objeto de qualquer ciência é sempre o mesmo, e na *República* 478e-480a é perguntado se os fenômenos não podem ser objetos do conhecimento porque não sendo nunca fixos mas sempre mutáveis não existem εἰλικρινῶς [puramente]. O *Crátilo* (440b-c) estabelece que se τὸ γινώσκον e τὸ γινωσκόμενον existem, não podem ser semelhantes ao fluxo e à mudança, pois o que está em fluxo é ininteligível (439e-440a), enquanto o que de fato é, é imutável (439d; 439e). E a razão dada no *Filebo*, 59a-c, para a negação de que os objetos da verdadeira ciência possam ser fenômenos sensíveis, é a de que eles nunca são κατ’ αὐτὰ, enquanto que os objetos do conhecimento são αἰεὶ κατὰ τὰ αὐτὰ ὡσαύτως ἀμεικτότα τὰ ἔχοντα [as coisas que sempre permanecem no mesmo estado, do mesmo modo, e o menos misturadas].

⁷ Alexandre, *op. cit.*, 79, 5-15; Hayduck, 59, 6-17: εἰ πᾶσα ἐπιστήμη πρὸς ἓν τι καὶ τὸ αὐτὸ ἐπαναφέρουσα ποιεῖ τὸ αὐτῆς ἔργον καὶ πρὸς οὐδὲν τῶν καθ’ ἑκάστον, εἴη ἄν τι ἄλλο καθ’ ἑκάστην παρὰ τὰ αἰσθητὰ αἰδίων καὶ παράδειγμα τῶν καθ’ ἑκάστην ἐπι στήμην γινομένων. τοιοῦτον δὲ ἡ ἰδέα. ἔτι ὄν ἐπιστήμαί εἰσι, ταῦτα ἔστιν ἄλλων δὲ τινῶν παρὰ τὰ καθ’ ἑκαστὰ εἰσιν αἱ ἐπιστήμαι· ταῦτα γὰρ ἄπειρά τε καὶ ἄοριστα, αἱ δὲ ἐπιστήμαι

Franco, Irley F.; Brandão, Renato Matoso

Os Argumentos formais dos Platonistas em favor da existência das ideias no ΠΕΡΙ ΙΔΕΩΝ e na Metafísica A9 de Aristóteles

Objecção 1: A primeira objeção de Aristóteles a esse triplo argumento é que em nenhuma de suas três formas ele prova a existência das ideias. A refutação reportada por Alexandre mostra, entretanto, que Aristóteles aceita parcialmente as conclusões desse argumento, pois admite que ele demonstra a existência de *παρὰ τὰ καθ' ἕκαστα καὶ αἰσθητά*, isto é, de alguma coisa para além das particulares e sensíveis. Contudo, para Aristóteles, as coisas para além das particulares e sensíveis e acercadas quais há ciência não são ideias, mas predicados comuns (*τὰ κοινά*).

De fato, o conhecimento para Aristóteles é sempre e apenas do universal.⁸ Se não há nada além dos particulares ilimitados, não pode haver desses particulares conhecimento, pois todas as coisas são conhecidas, na medida em que são uma e a mesma, isto é, na medida em que têm um predicado universal.⁹ No entanto, o argumento em favor da existência dos universais não é o mesmo que o argumento em favor da existência das ideias platônicas.¹⁰ A verdadeira objeção de Aristóteles, portanto, é a de que não é necessário fazer do universal uma ideia, uma vez que há para além dos particulares e sensíveis, predicados comuns (*τὰ κοινά*), os quais dizemos que são também objetos das ciências (*ὧν φαμεν καὶ τὰς ἐπιστήμας εἶναι*).¹¹

Como a afirmação de que o conhecimento é sempre e apenas dos universais é recorrente em Aristóteles, e como aqui ele está reclamando que os argumentos não provam a existência das ideias, era de se esperar que concluísse a objeção dizendo que somos capazes

ὄρισμένων· ἔστιν ἄρα τινὰ παρὰ τὰ καθ' ἕκαστα, ταῦτα δὲ αἱ ἰδέαι. ἔτι εἰή ἰατρικὴ οὐκ ἔστιν ἐπιστήμη τῆσδε τῆς ὑγείας ἀλλ' ἀπλῶς ὑγείας, ἔσται τις αὐτοῦ ὑγεία· καὶ εἰ ἡ γεωμετρία μὴ ἔστι τοῦ δε τοῦ ἴσου καὶ τοῦ δε τοῦ συμμετρου ἐπιστήμη ἀλλ' ἀπλῶς ἴσου καὶ ἀπλῶς συμμετρου, ἔσται τι αὐτόισον καὶ αὐτοῦ σύμμετρον, ταῦτα δὲ αἱ ἰδέαι.

⁸ Ver por exemplo *Metafísica* B, 6, 1003a 13-15; K, 1, 1060b 19-21; e M, 9, 1086b 5-6; 10, 32-37; *De anima*, II, 5, 417b 22-23; *Ética a Nicômaco*, VI, 5, 1140b 31-32; X, 9, 1180b 15-16.

⁹ Aristóteles, *Metafísica*, 999a, 26-29; 999b, 26-27.

¹⁰ Aristóteles, *Analíticos Posteriores*, 77a, 5-9.

¹¹ Alexandre, *op. cit.*, 79, 15: “οἱ δὴ τοιοῦτοι λόγοι τὸ μὲν προκείμενον οὐ δεικνύουσιν, ὅτι τὸ ἰδέας εἶναι, ἀλλὰ δεικνύουσι τὸ εἶναι τινὰ παρὰ τὰ καθ' ἕκαστα καὶ αἰσθητά. οὐ πάντως δέ, εἴ τινὰ ἔστιν ἃ εἰσι παρὰ τὰ καθ' ἕκαστα, ταῦτά εἰσιν ἰδέαι· ἔστι γὰρ παρὰ τὰ καθ' ἕκαστα τὰ κοινά, ὧν φαμεν καὶ τὰς ἐπιστήμας εἶναι. Aristóteles, *Metafísica* A, 9, 990b 11-13: κατὰ τε γὰρ τοὺς λόγους τοὺς ἐκ τῶν ἐπιστημῶν εἶδη ἔσται πάντων ὅσων ἐπιστῆμαι εἰσὶ. Alexandre, *op. cit.*, 79, 19-80, 6; Hayduck 59, 21-26 ἔτι τε τὸ καὶ τῶν ὑπὸ τὰς τέχνας ἰδέας εἶναι καὶ γὰρ πᾶσα τέχνη πρὸς ἔντι ἀναφέρει τὰ γινόμενα αὐτῆς, καὶ ὧν εἰσιν αἱ τέχναι, ταῦτα ἔστι, καὶ ἄλλων τινῶν παρὰ τὰ καθ' ἕκαστά εἰσιν αἱ τέχναι. καὶ ὁ ὕστερος δέ, πρὸς τῷ μη δοῦτος δεικνύουσι τὸ εἶναι ἰδέας, καὶ ὧν οὐ βούλονται ἰδέας εἶναι κατασκευάζειν ἰδέας δόξειε γὰρ διότι ἡ ἰατρικὴ μὴ ἔστι τῆσδε τῆς ὑγείας ἐπιστήμη ἀλλ' ἀπλῶς ὑγείας, ἔστιν αὐτὸ τις ὑγεία, ἔσται καὶ ἐπὶ τῶν τεχνῶν ἐκάστης. οὐ γὰρ τοῦ καθ' ἕκαστα οὐδὲ τοῦ δε ἔστιν, ἀλλ' ἀπλῶς ἐκείνου περὶ ὃ ἔστιν, οἷον ἡ τεκτονικὴ ἀπλῶς βάρου ἀλλ' οὐ τοῦ δε, καὶ ἀπλῶς κλίνης ἀλλ' οὐ τῆσδε· ὁμοίως καὶ ἡ ἀνδριαντοποιητικὴ καὶ ἡ γραφικὴ καὶ ἡ οἰκοδομικὴ δὲ καὶ τῶν ἄλλων ἐκάστη τεχνῶν ἔχει πρὸς τὰ ὑφ' ἑαυτῆν. ἔσται ἄρα καὶ τῶν ὑπὸ τὰς τέχνας ἐκάστου ἰδέα, ὃ περ οὐ βούλονται.

Franco, Irley F.; Brandão, Renato Matoso

Os Argumentos formais dos Platonistas em favor da existência das ideias no ΠΕΡΙ ΙΔΕΩΝ e na Metafísica A9 de Aristóteles

de apreender o universal, a partir dos particulares, sem fazer entretanto dele uma substância, pois embora o universal deva servir de fundamento à existência substancial de outras coisas,¹² ele é posterior a essas coisas às quais servirá de fundamento: ele é simplesmente a possibilidade da repetição de um mesmo atributo ou conjunto de atributos em múltiplos sujeitos. Não podemos, portanto, fazer dele nem a substância nem o princípio nem a condição de existência das realidades individuais.¹³

Essa não é, entretanto, a objeção exposta por Aristóteles, nem na *Metafísica* nem no ΠΕΡΙ ΙΔΕΩΝ. Na *Metafísica*, a objeção é a de que esses argumentos requerem ideias de todas as coisas das quais existam ἐπιστήμαι, uma objeção que, apresentada dessa maneira, entra em contradição com a própria teoria das ideias.¹⁴ Quais, então, seriam os objetos dos quais, embora haja conhecimento, não há ideias? Em seu comentário, Alexandre esclarece essa questão, complementando a objeção de Aristóteles com um argumento supostamente extraído do ΠΕΡΙ ΙΔΕΩΝ, segundo o qual os argumentos das ciências requerem a aceitação de ideias de artefatos, isto é, dos objetos das artes, objetos estes dos quais os platonistas não admitiam que houvesse ideias.

Eis em que termos Alexandre faz seu comentário: se o argumento é sustentável em relação às ciências, ele também o será em relação às artes, pois toda arte refere-se a alguma coisa una, a partir da qual as coisas vêm a ser, e as coisas com as quais as artes lidam são, e as artes lidam com coisas independentes das sensíveis. Consequentemente, além de não provar a existência das ideias, seremos obrigados a admitir que também os objetos das artes são ideias, e isso, diz ele, os platonistas não admitem.¹⁵

¹² Aristóteles, *Metafísica* Λ, 4; 5.

¹³ Léon Robin, *La théorie platonicienne des idées et des nombres d'après Aristote: étude historique et critique*, 1908, p. 33.

¹⁴ H. Cherniss, *Aristotle's Criticism of Plato and the Academy*, 1962, p.239.

¹⁵ Aristóteles, *Metafísica* A, 9, 990b 11-13: κατά τε γὰρ τοὺς λόγους τοὺς ἐκ τῶν ἐπιστημῶν εἶδη ἔσται πάντων ὄσων ἐπιστήμαι εἰσί. Alexandre, *op. cit.*, 79, 19-80, 6; Hayduck 59, 21-26 ἔτι τε τὸ καὶ τῶν ὑπὸ τὰς τέχνας ιδέας εἶναι· καὶ γὰρ πᾶσα τέχνη πρὸς ἓν τι ἀναφέρει τὰ γινόμενα ὑπ' αὐτῆς, καὶ ὧν εἰσιν αἱ τέχναι, ταῦτα ἔστι, καὶ ἄλλων τινῶν παρὰ τὰ καθ' ἕκαστά εἰσιν αἱ τέχναι. καὶ ὁ ὕστερος δέ, πρὸς τῷ μὴ δὲ οὗτος δεικνύει τὸ εἶναι ιδέας, καὶ ὧν οὐ βούλονται ιδέας εἶναι κατασκευάζειν ιδέας δόξει εἰ γὰρ διό τι ἡ ἰατρικὴ μὴ ἔστι τῆσδε τῆς ὑγιείας ἐπιστήμη ἀλλ' ἀπλῶς ὑγιείας, ἔστιν αὐτὸ τις ὑγίεια, ἔσται καὶ ἐπὶ τῶν τεχνῶν ἐκάστης. οὐ γὰρ τοῦ καθ' ἕκαστα οὐ δὲ τοῦ δὲ ἔστιν, ἀλλ' ἀπλῶς ἐκείνου περὶ ὃ ἔστιν, οἷον ἡ τεκτονικὴ ἀπλῶς βάθρουἀλλ' οὐ τοῦ δε, καὶ ἀπλῶς κλίνης ἀλλ' οὐ τῆσδε· ὁμοίως καὶ ἡ ἀνδριαντοποιητικὴ καὶ ἡ γραφικὴ καὶ ἡ οἰκοδομικὴ δὲ καὶ τῶν ἄλλων ἐκάστη τεχνῶν ἔχει πρὸς τὰ ὑφ' ἑαυτήν. ἔσται ἄρα καὶ τῶν ὑπὸ τὰς τέχνας ἐκάστου ιδέα, ὃ περ οὐ βούλονται

Franco, Irley F.; Brandão, Renato Matoso

Os Argumentos formais dos Platonistas em favor da existência das ideias no ΠΕΡΙ ΙΔΕΩΝ e na Metafísica A9 de Aristóteles

Caso estivéssemos limitados ao texto da *Metafísica*, o problema a ser resolvido seria simplesmente o de saber se os platonistas restringiam ou não as ideias a substâncias ou se admitiam ideias de outras coisas que não são substâncias. Isto porque na *Metafísica*, 990b 22-29 (=1079a 19-26), e, portanto, um pouco acima da objeção dirigida ao argumento das ciências, a afirmação de que “de acordo com a concepção segundo a qual dizemos que as ideias existem deveria haver não apenas ideias de substâncias, mas também de outras coisas”, é baseada, por um lado, na noção de que os predicados formam uma unidade também no caso de não-substâncias e de que há ἐπιστήμῃ de não substâncias, por outro, na constatação de que “de acordo com a necessidade lógica e as opiniões que sustentam a existência das ideias, deve haver ideias apenas de substâncias” (990b 29-991a 2; 1079a 26-33).¹⁶

No entanto, caso levemos em consideração o comentário de Alexandre, a questão torna-se um pouco mais complexa. Isto porque diversos diálogos assumem ideias de artefatos,¹⁷ e embora não se possa dizer ao certo se Aristóteles estaria dirigindo a objeção a todos os platonistas, inclusive Platão, ou apenas a uma parte deles,¹⁸ na *Metafísica* Λ, 3, 1070a 18-19, ele parece afirmar que Platão negava a existência de ideias de artefatos.¹⁹

Diversas interpretações foram propostas para solucionar essa aparente contradição.²⁰ Contudo, no que diz respeito à discrepância entre os diálogos platônicos e essa afirmação de Aristóteles, a única explicação promissora é a de Léon Robin.²¹ Robin chama a atenção para o fato de haver uma diferença entre os objetos das artes imitativas e os objetos das artes produtivas no sistema de Aristóteles. Para Aristóteles, os objetos das artes imitativas têm a aparência, mas não a forma ou essência de seus modelos (παράδειγματα), enquanto os das artes produtivas têm uma essência ou forma que se expressa através de suas funções. De

¹⁶H. Cherniss, *op. cit.*, 1962, p. 240.

¹⁷ Na *República*, o artesão que constrói a cama ou a mesa contempla as ideias (596b), mas o artista das artes imitativas não tem as ideias como modelos, mas objetos materiais dos quais apreende apenas fantasmas (598a-b). A passagem da Linha Dividida reproduz mais ou menos o mesmo esquema: a classe de artefatos (τὸ σκευαστὸν ὅλον γένος) pertence à mesma seção dos seres vivos, enquanto que a classe das imagens é colocada em seção mais abaixo (*ibid.*, 510a). No *Sofista*, as artes imitativas copiam os objetos criados pelas artes produtivas; essas imitações não são imagens de ideias e estão abaixo dos artefatos em grau de realidade. Cf. H. Cherniss, *op. cit.*, 1962, p.248sq; L. Robin, *op. cit.*, 1908, p.173sq..

¹⁸Sobre essa questão, ver David Ross, *Aristotle's Metaphysics*, 1924, v. I, p.1922; F. Steckerl, “On the Problem of Artefact and Idea”, *Classical Philology*, 1942, p. 288-298.

¹⁹Ver, entretanto R. S. Bluck, “Aristotle, Plato and Ideas of Artefacta”, *The Classical Review*, 1947, p.75-76.

²⁰Uma revisão crítica das diversas tentativas de interpretação para esta aparente contradição pode ser encontrada em G. Fine, *On Ideas: Aristotle's Criticism of Plato's Theory of Forms*, 1996, pp.81-89.

²¹*Op. cit.*, 1908, cap.III, p.173sq. .

Franco, Irley F.; Brandão, Renato Matoso

Os Argumentos formais dos Platonistas em favor da existência das ideias no ΠΕΡΙ ΙΔΕΩΝ e na Metafísica A9 de Aristóteles

modo que, embora a lógica de seu sistema exija que todas as coisas naturais ou artificiais tenham uma forma que é a essência e a função peculiar da coisa, alguns artefatos não têm forma real ou essência própria, mas apenas uma aparência. Segundo Robin, quando Aristóteles afirma que Platão não admitia ideias de artefatos, ele está se referindo aos artefatos das artes imitativas, e não aos das artes produtivas.

Argumento 2:

“Se cada um dos múltiplos homens é um homem, e cada um dos múltiplos animais, um animal, e assim em todos os casos desse tipo, e se em nenhum desses casos a mesma coisa é predicada dela mesma, mas há alguma coisa que é predicada de todas elas e que não é a mesma que nenhuma delas, então deve haver alguma coisa pertencendo a [todas] elas,²² independente das coisas particulares, que é separada delas e que é eterna, pois é sempre predicada do mesmo modo de todas as coisas particulares que se mantêm mudando numericamente. Ora, o que é a unidade de uma multiplicidade e é separado dessa multiplicidade e é eterno, é a ideia. As ideias, portanto, são.”²³

Objeção 2: Esse argumento, como o anterior, não prova a existência das ideias, mas apenas mostra que o predicado comum se distingue das coisas às quais ele se aplica. Consequentemente, ele também constitui uma prova, não para a existência das ideias, mas apenas para a dos universais. Além disso, esse argumento conduz não apenas a ideias de afirmações, mas também de negações (ἀποφάσεις), e, segundo Alexandre, de coisas que não são,²⁴ pois, do mesmo modo que as afirmações, uma e a mesma negação pode ser de fato predicada de muitas coisas, mesmo de coisas que não são, e não ser a mesma que quaisquer das coisas das quais ela é verdadeiramente predicada. É possível aplicar a negação, por exemplo, “não-homem” a todas as coisas que não são homens e demonstrar que existe uma ideia de “não-homem”. Isso, entretanto, é absurdo, pois seríamos obrigados a admitir a existência de ideias de não-ser. Pois, uma vez aceito que há ideias de negações, haverá uma ideia única de coisas genericamente dessemelhantes e totalmente diferentes. Assim, tanto “linha” quanto “homem” são “não-cavalo”, podendo haver uma única ideia para um número

²² Assim traduzem W. E. Doodley e Ross. Ver também Gail Fine, “The One over Many”, *Philosophical Review*, n.89, 1980, p.199.

²³ Alexandre, *op. cit.*, 80, 8-15; Hayduck, 59, 32-60: εἰ ἕκαστος τῶν πολλῶν ἀνθρώπων ἄνθρωπός ἐστι καὶ τῶν ζῴων ζῶον καὶ ἐπὶ τῶν ἄλλων ὁμοίως, καὶ οὐκ ἔστιν ἐφ' ἑκάστου αὐτῶν αὐτοῦ τι κατηγορούμενον, ἀλλ' ἔστι τι ὃ καὶ πάντων αὐτῶν κατηγορεῖται οὐδενὶ αὐτῶν ταῦτόν ὄν, εἴη ἂν τι τούτων παρὰ τὰ καθ' ἕκαστα ὄντα ὃν κειρωρισμένον αὐτῶν αἰδίων· αἰεὶ γὰρ ὁμοίως κατηγορεῖται πάντων τῶν κατ' ἀριθμὸν ἀλλασσομένων. ὃ δὲ ἔν ἐστιν ἐπὶ πολλοῖς κειρωρισμένον τε αὐτῶν καὶ αἰδίων, τοῦτ' ἔστιν ἰδέα· εἰσὶν ἄρα ἰδέαι.

²⁴ Alexandre, *op. cit.*, 80, 17.

Franco, Irley F.; Brandão, Renato Matoso

Os Argumentos formais dos Platonistas em favor da existência das ideias no ΠΕΡΙ ΙΔΕΩΝ e na Metafísica A9 de Aristóteles

ilimitado de coisas.²⁵ Aqueles, portanto, que querem mostrar que o predicado comum de um conjunto de coisas é uma única coisa, e que esse predicado é uma ideia, constroem, na verdade, prova para as negações.²⁶

De fato essa crítica é especialmente surpreendente pelo fato de Alexandre relatar presumivelmente baseado na mesma fonte, o ΠΕΡΙ ΙΔΕΩΝ, um argumento dos platonistas que usa negações para provar a existência do ἓν ἐπὶ πολλῶν como ideia e, de modo correto, assumir que, quando de diversos sujeitos o mesmo predicado é negado, é de um único termo positivo que as negações são feitas.²⁷

Ora, essa é justamente a solução encontrada por Platão no *Sofista* para explicar a realidade das negações.²⁸ Nas proposições “A, B, e C são não-brancos”, o predicado comum é o termo idêntico positivo “branco”, e não a negação. No *Sofista*, Platão deixa claro (1) que uma negação indica meramente que a coisa designada pelas palavras que se seguem à partícula de negação não se aplica ao sujeito; (2) mas que o predicado é alguma coisa da qual o sujeito difere (257b-c). O que quer que seja chamado “não-x” é assim chamado em referência a qualquer outra coisa que não o “x” do qual ele difere: “o não-belo é outro que o belo exclusivamente” (257d). Pois (3) o não-ser não é o contrário do ser (258e; 238c); e (4) enquanto “outro” o μὴ ὄν envolvido nas negações exprime simplesmente a relação de diferença que se estabelece entre dois seres, diferença esta que, penetrando todas as coisas existentes em suas relações mútuas, é, em cada caso particular, aquilo que é contrastado com um existente definido (258d-e).

²⁵ É interessante observar que Aristóteles tem uma segunda resposta para esse argumento, uma resposta diferente da exposta na *Metafísica* e no ΠΕΡΙ ΙΔΕΩΝ, onde é dito que o argumento conduz a ideias de negações (ἀποφάσεις). Segundo Alexandre (81, 20-22), Aristóteles diz ainda que o argumento cria ideias tanto de ἀποφασκόμενα (coisas negadas) quanto de καταφασκόμενα (coisas afirmadas), pois a unidade comum (το ἓν) está similarmente envolvida em ambas.

²⁶ Aristóteles, *Metafísica*, A, 9, 990b, 13-14; Hayduck, 60, 6-10: Καὶ κατὰ τὸ ἓν ἐπὶ πολλῶν καὶ τῶν ἀποφάσεων...; Alexandre, *op. cit.* 80, 15-81 τοῦτόν φησι τὸν λόγον κατασκευάζειν ιδέας καὶ τῶν ἀποφάσεων καὶ τῶν μὴ ὄντων. καὶ γὰρ ἡ ἀπόφασις κατὰ πολλῶν κατηγορεῖται μία καὶ ἡ αὐτὴ καὶ κατὰ μὴ ὄντων, καὶ οὐδενὶ τῶν καθ' ὧν ἀληθεύεται ἔστιν ἡ αὐτὴ. τὸ γὰρ οὐκ ἄνθρωπος κατηγορεῖται μὲν καὶ καθ' ἵππου καὶ κυνὸς καὶ πάντων τῶν παρὰ τὸν ἄνθρωπον, καὶ διὰ τοῦ τό ἔστιν ἓν ἐπὶ πολλῶν καὶ οὐδενὶ τῶν καθ' ὧν κατηγορεῖται ταῦτόν ἔστιν. Além disso, se uma negação vale para um termo, ela vale para tudo o que é semelhante a ele: por exemplo, não-músico é verdadeiro de todos os não-músicos, do mesmo modo, não-homem, é verdadeiro de todos os não-homens, ἔτι αἰεὶ μὲν εἰ κατὰ τῶν ὁμοίων ὁμοίως ἀληθεύομενον· τὸ γὰρ οὐ μουσικὸν κατὰ πολλῶν ἀληθεύεται (πάντων γὰρ τῶν μὴ μουσικῶν), ὁμοίως καὶ τῶν οὐκ ἀνθρώπων τὸ οὐκ ἄνθρωπος· ὥστε εἰσὶ καὶ τῶν ἀποφάσεων ιδέαι. ὅπερ ἔστιν ἄτοπον· πῶς γὰρ ἂν εἴη τοῦ μὴ εἶναι ιδέα; εἰ γὰρ τοῦτο τις παραδέξεται, τῶν γε ἀνομογενῶν καὶ πάντη διαφερόντων ἔσται μία ιδέα, γραμμῆς, ἂν οὕτω τύχη, καὶ ἀνθρώπου· οὐχ ἵππου γὰρ ταῦτα πάντα.

²⁷ Alexandre, *op. cit.*, 81, 12-16

²⁸ Cf. F. M. Cornford, *Plato's Theory of Knowledge: the Theaetetus and Sophist of Plato*, 1935, p.202; 252.

Franco, Irley F.; Brandão, Renato Matoso

Os Argumentos formais dos Platonistas em favor da existência das ideias no ΠΕΡΙ ΙΔΕΩΝ e na Metafísica A9 de Aristóteles

O argumento relatado por Alexandre e essa parte do *Sofista* são complementares e mostram que a explicação de Platão para as negações torna inválida a objeção de Aristóteles ao argumento do ἔν ἐπὶ πολλῶν.²⁹

Argumento 3: Esse argumento fundamenta a existência das ideias no fato de o pensamento ser capaz de manter a imagem de coisas que não mais existem.

“Se quando pensamos em homem, bípede, ou animal, estamos pensando em algo que tanto é uma das coisas que são quanto não é nenhuma das coisas particulares (pois de fato o mesmo pensamento permanece, mesmo depois que essas coisas perecem), é claro que há alguma coisa para além dos sensíveis em que pensamos, tanto quando existem quanto quando não existem. E isso é uma ideia.”³⁰

Objeção 3: Esse argumento estabelece ideias mesmo de coisas que são perecíveis ou que já pereceram, e, em geral, de particulares e perecíveis tais como Sócrates ou Platão; pois, de fato, pensamos nesses homens e retemos suas imagens na imaginação e os preservamos, mesmo quando eles não mais existem. Além disso, nós pensamos em coisas que não existem absolutamente, tais como o Hipocentauro e a Quimera, de modo que nem esse argumento prova que há ideias.³¹

Esse argumento, que estabelece que há ideias independentes dos particulares sensíveis, porque o objeto do pensamento deve ser necessariamente uma entidade e não pode ser nenhum dos particulares, é essencialmente o mesmo que a segunda forma do argumento das ciências. A única diferença entre eles é o modo como estabelecem a premissa de que o objeto envolvido não pode ser uma coisa particular.

A objeção depende do isolamento do argumento que sustenta a premissa, isolamento este que Cherniss considera “ilegítimo”, e da negligência do fato de que os objetos implicados são limitados aos universais (ἐπειδὴν νοῶμεν ἄνθρωπον ἢ ζῷον). Portanto, o argumento nem presume, nem pretende provar que a toda imagem mental que sobrevive à destruição de um

²⁹H. Cherniss, *op. cit.*, 1962, p.261.

³⁰ Alexandre, *op. cit.*, 81, 25- 82, 1; Hayduck 60, 32-61, 3 εἰ ἐπειδὴν νοῶμεν ἄνθρωπον ἢ πεζὸν ἢ ζῷον, τῶν ὄντων τέ τι νοοῦμεν καὶ οὐδὲν τῶν καθ' ἕκαστον (καὶ γὰρ φθαρέντων τοῦ τῶν μὲν εἰῆ αὐτῆ ἔννοια), δῆλον ὡς ἔστι παρὰ τὰ καθ' ἕκαστα καὶ αἰσθητά, ὃ καὶ ὄντων ἐκείνων καὶ μὴ ὄντων νοοῦμεν· οὐ γὰρ δὴ μὴ ὄντι νοοῦμεν τότε. τοῦτο δὲ εἶδος τε καὶ ἰδέα ἐστίν.

³¹Aristóteles, *Metafísica*, A, 9, 990b, 14-16; Hayduck, 61, 3-7: Κατὰ δὲ τὸ νοεῖν τι φθαρέντος τῶν φθαρτῶν φάντασμα γὰρ τι τούτων ἐστίν... Alexandre, *op. cit.*, 82, 1-8: esse argumento conduz a admitir ideias καὶ τῶν φθειρομένων τε καὶ ἐφθαρμένων καὶ ὅλως τῶν καθ' ἕκαστά τε καὶ φθαρτῶν ιδέας κατασκευάζειν, οἷον Σωκράτους, Πλάτωνος· καὶ γὰρ τούτους νοοῦμεν καὶ φαντασίαν αὐτῶν φυλάσσομεν καὶ μηκέτι ὄντων σώζομεν φάντασμα γὰρ τι καὶ τῶν μηκέτι ὄντων.

Franco, Irley F.; Brandão, Renato Matoso

Os Argumentos formais dos Platonistas em favor da existência das ideias no ΠΕΡΙ ΙΔΕΩΝ e na Metafísica A9 de Aristóteles

particular deva corresponder uma ideia. Ao contrário, apenas imagens de universais podem independe e não serem idênticas a particulares, uma vez que somente os universais não dependem da existência dos particulares.

Aristóteles supõe que a imagem mental que permanece, e que é objeto da memória, possa ser tratada do mesmo modo que o objeto do pensamento, de modo que se este, ao se distinguir dos particulares, é considerado uma ideia, então aquele também será uma ideia. Essa é uma concepção errônea, um erro que, como observa Cherniss, Aristóteles também comete com relação ao “argumento da memória”, segundo o qual Platão teria sustentado que apenas as ideias podem ser objetos da memória, de forma que qualquer coisa lembrada deva ser uma ideia.³²

OS ARGUMENTOS MAIS RIGOROSOS

Como já dissemos antes, Alexandre afirma que a razão por que alguns argumentos são classificados de ἀκριβέστεροι reside no fato de estes provarem não apenas que o predicado comum independe dos particulares dos quais ele é predicado, mas também que ele é παράδειγμα desses particulares.³³ Cherniss tem, entretanto, razão quando afirma que a inclusão do argumento do terceiro homem nesta classificação tornaria a conclusão de Alexandre insustentável.³⁴ O terceiro homem é uma réplica do ἔν ἐπὶ πολλῶν e, conseqüentemente, a explicação de Alexandre não poderia aplicar-se a ele. Além disso, o argumento das ciências também conclui que o objeto da ciência é um παράδειγμα e, portanto, ao aceitarmos a explicação de Alexandre, seríamos obrigados a admitir que este argumento é um dos ἀκριβέστεροι.³⁵ Tampouco Aristóteles poderia estar restringindo a dificuldade do terceiro homem a outros argumentos que não os anteriores, uma vez que acredita que essa dificuldade é envolvida sempre que um predicado comum é tomado como uma entidade individual,³⁶ e isso todos os argumentos fazem ao tentar provar a existência das ideias.

Aristóteles, contudo, inclui o terceiro homem na classificação de ἀκριβέστεροι em 990b 15: ἔτι δὲ οἱ ἀκριβέστεροι τῶν λόγων οἱ μὲν τῶν πρὸς τι ποιούσιν ιδέας [...]οἱ δὲ τὸν

³² *Op. cit.*, 1962, p.273.

³³ Alexandre, *op. cit.*, 83, 17-22.

³⁴ H. Cherniss, *op. cit.*, 1962, p.275.

³⁵ A questão é detalhadamente discutida por Cherniss, *op. cit.*, 1962, p.275sq..

³⁶ *Refutações Sofísticas*, 178b 36-179a 10; *Metafísica*, 1038b 34-1039a 3.

Franco, Irley F.; Brandão, Renato Matoso

Os Argumentos formais dos Platonistas em favor da existência das ideias no ΠΕΡΙ ΙΔΕΩΝ e na Metafísica A9 de Aristóteles

τρίτον ἄνθρωπον λέγουσιν (passagem citada e traduzida no início desse artigo). O que quer então dizer ἀκριβέστεροι?

Segundo Ross, não há razão para que se suponha, com Alexandre, que por ἀκριβέστεροι Aristóteles entenda os argumentos que provam a existência da ideia como παράδειγμα em contraste com os argumentos anteriores que provam meramente a existência de κοινόν τι παρὰ τὰ καθ'ἑκάστα: “a distinção, além de ser difícil de ser sustentada, não é sugerida por Aristóteles”. O ponto, de acordo com Ross, foi bem defendido por Henry Jackson.³⁷ Aristóteles já havia anteriormente apontado para certas consequências dos argumentos platônicos: ele agora está apontando para certas implicações de fato mencionadas (λέγουσιν não pode significar outra coisa) nos argumentos mais rigorosos de Platão, embora estas não sejam bem vindas por seus sucessores.³⁸ E traduz “outros introduzem o terceiro homem”.³⁹

H. Jackson, portanto, entende a expressão como significando os argumentos do próprio Platão por oposição aos de seus seguidores,⁴⁰ e interpreta a passagem (990b 15) da seguinte maneira: os argumentos mais rigorosos de Platão, os quais, segundo ele, estão na *República* 479b e no *Fédon* 74a sq., estabelecem ideias de relações que o “platonismo ortodoxo nega” e o próprio Platão já havia levantado a objeção do terceiro homem contra a teoria dos diálogos da maturidade. Essa interpretação, que defende a correção do relato de Aristóteles, é uma decorrência natural da proposta geral de Jackson, expressa na suposição de que, depois do *Parmênides*, Platão teria abandonado as ideias de propriedades relacionais. De fato, segundo ele, essa frase é uma referência explícita à mudança transcorrida na teoria das ideias.

Segundo Cherniss, entretanto, nem Platão nem Aristóteles oferecem evidências de que uma tal mudança tenha realmente ocorrido na filosofia de Platão, e seria estranho supor que Aristóteles estivesse chamando ambos os argumentos – os que estabelecem a primeira teoria e

³⁷Henry Jackson, “Plato's later Theory of Ideas. I. The *Philebus* and Aristotle's *Metaphysics* I, 6”, em *The Journal of Philology*, X, 1881, pp.253-98.

³⁸D. Ross, ΑΡΙΣΤΟΤΕΛΟΥΣ ΤΑ ΜΕΤΑ ΤΑ ΦΥΣΙΚΑ. *Aristotle's Metaphysics: a revised text with introduction and commentary*, 1985, vol. I, p.194.

³⁹*Ibid.*, 990b, 16.

⁴⁰H. Jackson, *op. cit.*, 1881, p.255, n.2.

Franco, Irley F.; Brandão, Renato Matoso

Os Argumentos formais dos Platonistas em favor da existência das ideias no ΠΕΡΙ ΙΔΕΩΝ e na Metafísica A9 de Aristóteles

os que a destroem – de οἱ ἀκριβέστεροι τῶν λόγων.⁴¹ Afinal, tal interpretação requer que οἱ ἀκριβέστεροι τῶν λόγων signifique “argumentos em favor das ideias” na primeira metade da frase, e “argumentos contra as ideias” na segunda metade da frase.⁴² Cherniss diz ainda que Ross opta pela tradução que Jackson dá a λέγουσιν (mencionar, introduzir) sem assumir a teoria geral deste último. Sua razão é simplesmente a crença de que λέγουσιν significa “mencionar” e não pode significar “envolver”, como quer Alexandre em 83, 34-85, 7-8. O próprio Ross, entretanto, traduz o termo por “envolver” em outros lugares.

De acordo com Cherniss, o que distingue os “mais rigorosos” não é o fato de tentarem provar que a ideia é um modelo, mas o fato de suas conclusões serem tiradas, após exaustivas considerações, dos possíveis modos através dos quais o mesmo nome pode ser dado a múltiplas coisas.

Interpretação mais recente que se aproxima da leitura de Ross é a de Fine, para quem a designação de ἀκριβέστεροι destina-se somente aos argumentos que provam a existência das ideias de maneira válida. Contudo, para Fine, tal como os argumentos anteriormente citados, eles acabam por provar, também, a existência de ideias indesejadas pelos platonistas.⁴³

Quanto a Robin, ele aceita parcialmente a explicação de Alexandre, embora diga em nota de rodapé que “o epíteto de ἀκριβέστεροι[...] concerne particularmente ao argumento dos relativos”.⁴⁴

Sem dúvida, há muita polêmica em torno do significado da expressão οἱ ἀκριβέστεροι τῶν λόγων tanto em Aristóteles quanto em Alexandre, cujas explicações parecem não ser suficientes para esclarecer a questão. Certamente não é o caso reproduzir aqui os detalhes dessa longa polêmica. Além das já mencionadas, uma posição com relação ao significado dessa expressão vale ainda ser citada: a de R. Heinze, para quem οἱ ἀκριβέστεροι designaria os argumentos não de Platão mas de seus oponentes (inclusive aí Aristóteles).⁴⁵

⁴¹ *Op. cit.*, 1962, p.277.

⁴² H. Cherniss, *op. cit.*, 1962, p.276, n.184. Alexandre, *op. cit.*, 83, 34; 85, 7-8. Contra Ross, ver ainda Hermann Schmitz, *Die Ideenlehre des Aristoteles*, 1985, vol.I, cap.II, p.445.

⁴³ G. Fine. *Op. cit.*, 1980, pp. 25-29.

⁴⁴ L. Robin, *op. cit.*, 1908, p.19, n.16. 59.

⁴⁵ R. Heinze, *Xenokrates. Darstellung der Lehre und Sammlung der Fragmente*, 1892, 55, 2.

Franco, Irley F.; Brandão, Renato Matoso

Os Argumentos formais dos Platonistas em favor da existência das ideias no ΠΕΡΙ ΙΔΕΩΝ e na Metafísica A9 de Aristóteles

O ARGUMENTO DOS RELATIVOS

Argumento 4: O argumento que tenta demonstrar a existência das ideias a partir dos relativos é o seguinte:⁴⁶

“Quando o mesmo termo é predicado de múltiplas coisas não homonimamente,⁴⁷ mas de modo a designar uma única natureza, ele é verdadeiramente predicado delas, seja porque elas são, no sentido forte, aquilo que é significado pelo predicado, como quando chamamos Sócrates e Platão de homens, seja quando atribuímos o predicado “homens” a imagens (pois, no caso destes últimos, nós apontamos as imagens de homens significando a mesma natureza particular em todos eles); ou porque um deles é modelo e os outros imagens, como se devêssemos chamar tanto Sócrates quanto suas imagens de “homens”.⁴⁸

“Mas nós predicamos a igualdade em si das coisas aqui na terra, embora ela seja predicada delas [apenas] homonimamente; pois nem a mesma fórmula aplica-se a todas elas, nem estamos significando coisas que são verdadeiramente iguais, pois a quantidade (τὸ ποσόν) nas coisas sensíveis não é precisamente determinada, mas transforma-se e continuamente muda, de modo que nenhuma das coisas aqui na terra admite exatamente a fórmula da igualdade. Tampouco [essas coisas se relacionam] como modelo e imagem, pois nenhuma delas é mais modelo ou imagem do que qualquer outra. Mas mesmo se alguém admitisse que a imagem não é [meramente] homônima ao seu modelo, a conclusão é sempre a de que essas coisas particulares iguais são iguais [apenas] enquanto imagens do que é igual no sentido próprio e verdadeiro. Mas se é assim, há um igual em si, um que é igual no sentido próprio, em relação ao qual as coisas daqui, como imagens dele, vêm a ser,

⁴⁶Sobre o argumento dos relativos, S. Mansion, *op. cit.*, 1949, p.181-6; Julia Annas, “Forms and first Principles”, *Phronesis*, n.19, 1974, pp.257-83; W. Leszl, *op. cit.*, 1975, pp.185-224; Robert Barford, “A proof from the ΠΕΡΙ ΙΔΕΩΝ revisited”, *Phronesis*, n.21, 1976, pp.198-218; C. J. Rowe, “The proof from Relatives in the ΠΕΡΙ ΙΔΕΩΝ further reconsideration”, *Phronesis*, n.24, 1979, pp.270-81; Gail Fine, *op.cit.*, 1980; Michel Narcy, “L’homonymie entre Aristote et ses commentateurs néo-platoniciens”, *Études Philosophiques*, 1981, p.49. O argumento dos relativos tem provocado muita discussão desde que G. E. L. Owen publicou “A proof in the ΠΕΡΙ ΙΔΕΩΝ”, *Journal of Hellenic Studies*, 1957, reeditado por R. E. Allen, em *Studies in Plato's Metaphysics*, 1965, pp.293-312.

⁴⁷ O sentido aristotélico do termo “homonímia” é diferente do platônico. Para Aristóteles, o termo “homonímia” significa “equivocidade”, enquanto que, para Platão, “homonímia” tem o sentido mais vago de semelhança de nomes. Segundo Ross, Aristóteles usa a palavra ὁμώνυμος; ὁμωνιμία mais do que συνώνυμος; συνωνιμία, em parte porque esta é uma palavra usada pelo próprio Platão, e em parte, talvez, para sugerir que não há nenhuma natureza comum compartilhada. *Op. cit.*, 1985, vol.1, p.191. Para o sentido destes termos em Aristóteles, ver *Categorias* 1a, 1 *sq.*, e *Metafísica* Γ, 2, 1003a 33-34.

⁴⁸ Há duas maneiras de explicar que um mesmo atributo se encontra em diversos sujeitos: ou bem em razão de uma identidade de natureza e de nome, isto é, enquanto são sinônimos e unívocos; ou bem em razão de uma simples comunidade de nome, isto é, enquanto homônimos e não unívocos. Mas, no primeiro caso, as coisas não se apresentam sempre do mesmo modo. Ou bem os sujeitos são essencialmente o que significa o atributo, e é nesse sentido que se pode dizer de Sócrates e de Platão que são homens, ou bem eles não são essencialmente, e é nesse sentido que se dirá diante de um retrato de Sócrates ou de Platão: são homens. O segundo caso, o da homonímia é aquele em que o mesmo atributo é possuído essencialmente por um dos sujeitos, e não essencialmente pelo outro; é o que acontece quando um dos sujeitos é o modelo e o outro a cópia; assim, por exemplo, Sócrates é essencialmente um homem, mas os retratos de Sócrates só são homens por acidente.

Franco, Irley F.; Brandão, Renato Matoso

Os Argumentos formais dos Platonistas em favor da existência das ideias no ΠΕΡΙ ΙΔΕΩΝ e na Metafísica A9 de Aristóteles

e são ditas serem iguais; mas isso é uma ideia, um modelo para as coisas que vêm a ser em relação a ele.”⁴⁹

Objecção 4: A objeção de Aristóteles a esse argumento é, segundo relata Alexandre, a seguinte:

“Se o igual é igual a um igual, há mais de uma ideia de igual; pois o igual em si é igual ao igual em si, pois se ele não fosse igual a nada, não seria absolutamente igual. Mais uma vez, de acordo com o mesmo argumento, haverá ideias de desiguais também, pois a situação é semelhante: ou haverá ideias de ambos os opostos ou não haverá ideias; mas mesmo os platonistas admitem que o desigual envolve mais do que uma coisa.”⁵⁰

Embora, essencialmente, o argumento dos relativos seja idêntico ao ἔν ἐπὶ πολλῶν – pois parte do predicado comum de uma multiplicidade de indivíduos para mostrar que esse predicado não pode ser idêntico a nenhum desses indivíduos, uma vez que estes estão sempre em mudança⁵¹ – dele difere, porque, ao invés de concluir imediatamente que o predicado comum é separado e distinto das coisas particulares e, portanto, uma ideia, ele primeiramente determina a possibilidade de que um dos particulares possa ser o modelo, a partir do qual os outros serão cópias, para então deduzir a conclusão de que todos os particulares são cópias de um modelo, em referência ao qual o predicado é aplicado. A demonstração, entretanto, prova

⁴⁹ Alexandre, *op. cit.*, 82, 11-83; Hayduck 61, 9-28: (1) ἐφ' ὧν ταυτόν τι πλείονων κατηγορεῖται μὴ ὁμωνύμως, ἀλλ' ὡς μίαν τιὰ δηλοῦν φύσιν, ἢ τοι τῷ κυρίως τὸ ὑπὸ τοῦ κατηγορουμένου σημαινόμενον εἶναι ταῦτα ἀληθεύεται κατ' αὐτῶν, ὡς ὅταν ἄνθρωπον λέγωμεν Σωκράτην καὶ Πλάτωνα, ἢ τῷ εἰκόνας αὐτὰ εἶναι τῶν ἀληθινῶν, ὡς ἐπὶ τῶν γεγραμμένων ὅταν τὸν ἄνθρωπον κατηγορῶμεν (δηλοῦμεν γὰρ ἐπ' ἐκείνων τὰς τῶν ἀνθρώπων εἰκόνας τὴν αὐτὴν τιὰ φύσιν ἐπὶ πάντων σημαινόντες), ἢ ὡς τὸ μὲν αὐτῶν ὄν τὸ παράδειγμα, τὰ δὲ εἰκόνας, ὡς εἰ ἄνθρώπους Σωκράτη τε καὶ τὰς εἰκόνας αὐτοῦ λέγοιμεν. 2) κατηγοροῦμεν δὲ τῶν ἐνταῦθα τὸ ἴσον αὐτὸ ὁμωνύμως αὐτῶν κατηγορούμενον· οὔτε γὰρ ὁ αὐτὸς πᾶσιν αὐτοῖς ἐφαρμόζει λόγος, οὔτε τὰ ἀληθῶς ἴσα σημαινόμενα· κινεῖται γὰρ τὸ ποσὸν ἐν τοῖς αἰσθητοῖς καὶ μεταβάλλει συνεχῶς καὶ οὐκ ἔστιν ἀφορισμένον. ἀλλ' οὐδὲ ἀκριβῶς τὸν τοῦ ἴσου λόγον ἀναδεχόμενον τῶν ἐνταῦθα ἐστὶ τι. ἀλλὰ μὴν ἀλλ' οὐδὲ ὡς τὸ μὲν παράδειγμα αὐτῶν τὸ δὲ εἰκόνα· οὐδὲν γὰρ μᾶλλον θάτερον θατέρου παράδειγμα ἢ εἰκῶν. εἰδὲ καὶ δέξαιτό τις μὴ ὁμώνυμον εἶναι τὴν εἰκόνα τῷ παραδείγματι, ἀεὶ ἔπεται ταῦτα τὰ ἴσα ὡς εἰκόνας εἶναι ἴσα τοῦ κυρίως καὶ ἀληθῶς ἴσου. εἰδὲ τοῦτο, ἔστι τι αὐτίσιον καὶ κυρίως, πρὸς ὃ τὰ ἐνθάδε ὡς εἰκόνας γίνεται τε καὶ λέγεται ἴσα, τοῦτο δὲ ἔστιν ἰδέα, παράδειγμα καὶ εἰκῶν τοῖς πρὸς αὐτὸ γινόμενοις. Esse é o texto comum. Mas há ainda uma outra versão sensivelmente diferente desta, proveniente do Cod. Laurent. (L e F). O autor dessa versão, segundo S. Mansion (*op. cit.*, 1949, p.182, n.42), teria remanejado a passagem, sem, entretanto, compreendê-la, na esperança de dar a ela um sentido aceitável. Tanto Robin (*op. cit.*, 1908, p.19sq.; 21, n.17) quanto Cherniss (*op. cit.*, 1962, p.230, e n.137) interpretam longamente essa versão.

⁵⁰ Alexandre, *op. cit.*, 83, 26-30; Hayduck 62, 5-9: ἔτι δὲ εἰ τὸ ἴσον ἴσῳ ἴσον, πλείους ἰδέαι τοῦ ἴσου ἀνεῖεν· τὸ γὰρ αὐτίσιον αὐτοῖσφ ἴσον· εἰ γὰρ μηδενὶ ἴσον, οὐδὲ ἴσον ἄν εἶη. ἔτι δεήσει καὶ τῶν ἀνίσων κατὰ τὸν αὐτὸν λόγον ἰδέας εἶναι· ὁμοίως γὰρ τῶν ἀντικειμένων ἔσσονται γε ἢ οὐκ ἔσσονται ἰδέαι· τὸ δὲ ἀνίσον ὁμολογεῖται καὶ κατ' αὐτοὺς ἐν πλείοσιν εἶναι.

⁵¹ Compare Alexandre 83, 6, 11 e 80, 10-14.

Franco, Irley F.; Brandão, Renato Matoso

Os Argumentos formais dos Platonistas em favor da existência das ideias no ΠΕΡΙ ΙΔΕΩΝ e na Metafísica A9 de Aristóteles

que há ideias de τὰ πρὸς τι, isto é, de coisas relativas, uma vez que se apoia no exemplo do igual que é um relativo, e segundo Aristóteles, na *Metafísica*, os platonistas não admitem que um gênero de relativos (τῶν πρὸς τι γένος) exista καθ'αὐτό.

Mas aqui a objeção é inversa à dos argumentos precedentes. Não se trata de afirmar que o argumento nos leva a admitir ideias de relativos quando os partidários das ideias não as admitem, como quer, por exemplo, Robin e Fine,⁵² pois seria muito difícil encontrar nos diálogos platônicos qualquer apoio para essa afirmação, uma vez que estão repletos de exemplos de ideias de coisas relativas.⁵³ Trata-se, ao invés, de objetar aos platonistas que o fato de suporem ideias de relativos entra em contradição com os princípios de sua teoria; ideias de relativos contradizem a distinção que lhes é cara entre as classes de τὰ καθ'αὐτά e de τὰ πρὸς τι, distinção que remonta ao próprio Platão, que refere-se constantemente à diferença entre coisas que são καθ'αὐτά e coisas que são πρὸς τι, πρὸς ἄλλα ou πρὸς ἄλληλα.

Ora, se o próprio Platão distinguia essas duas classes é porque certamente não acreditava que a distinção pudesse envolver a exclusão dos relativos do domínio das ideias. Afinal a afirmação de que o que é diferente é assim chamado sempre em relação a alguma outra coisa serve a ele, no *Sofista*, como prova de que a natureza do diferente é uma ideia independente (255d), e isso mesmo que seja κατακεκερματισμένην ἐπὶ πάντα τὰ ὄντα πρὸς ἄλληλα, isto é, “estando repartida entre todos os seres que estão em relação uns com os outros” (258d-e). Além disso, as ideias são consideradas αὐτὰ καθ'αὐτά não apenas nos diálogos médios, mas também no *Timeu* 51b-d, e no *Parmênides* 135a-b. E isso seria suficiente para que se considerasse absurda a hipótese de ideias de relativos. O relativo em si é uma contradição. Como então Platão poderia ter suposto que esse argumento não conduzisse a um tipo de inconsistência tal como a apontada por Aristóteles?

A objeção de Aristóteles depende, como explica Cherniss, “da substituição do sentido ontológico pelo sentido lógico de καθ'αὐτό. O caráter “em si” da ideia nada tem a ver com o seu conteúdo. A resposta está no *Parmênides* 133c-134e, onde Parmênides, depois de tentar mostrar que não pode haver nenhuma conexão entre o mundo das ideias e o mundo dos sensíveis, pois o caráter αὐτὴ καθ'αὐτὴν do primeiro não permitiria essa conexão, argumenta

⁵²L. Robin *op. cit.*, 1908, p.129-130; 188sq e Gail Fine, *op. cit.* 1993, pp. 157-159.

⁵³*Fédon* 74asq; 102d-e; *Parmênides* 160d-e; 133c-e; *Filebo* 25asq.; *Sofista* 254esq., etc..

Franco, Irley F.; Brandão, Renato Matoso

Os Argumentos formais dos Platonistas em favor da existência das ideias no ΠΕΡΙ ΙΔΕΩΝ e na Metafísica A9 de Aristóteles

que relativos ideais são em relação a correlativos ideais, enquanto relativos fenomenais são em relação a correlativos fenomenais.⁵⁴

O ARGUMENTO QUE CONDUZ AO TERCEIRO-HOMEM

O segundo argumento considerado por Aristóteles entre os ἀκριβέστεροι é o chamado argumento do terceiro homem, que, como se sabe, tem sido, desde o início do século XX, um dos mais comentados da literatura acadêmica.⁵⁵ Conforme observa S. Mansion, Aristóteles refere-se a ele frequentemente, sem, entretanto, em lugar algum, desenvolvê-lo.⁵⁶

Há muita discussão em torno de se Platão, Aristóteles ou ainda um terceiro anterior a eles o teria inventado; se se tratava de um único ou de vários argumentos agrupados sob o mesmo nome; se a dificuldade visada por Aristóteles seria substancialmente idêntica a uma das aporias expostas por Parmênides no diálogo que leva seu nome, e uma série de outras questões desse tipo, as quais, para o nosso propósito não interessa reproduzir aqui. Como nos casos anteriores, também neste iremos nos limitar a transcrever e comentar brevemente o texto de Alexandre.

Ao descrever esse argumento, Alexandre inicialmente expõe uma dupla prova da existência das ideias que conduz à dificuldade do terceiro homem, para, em seguida, desenvolver quatro formas dessa dificuldade: (1) a que, segundo ele, era usada por Eudemo, um discípulo de Aristóteles (85, 11); (2) a que era comum entre os sofistas em geral; (3) a do sofista Polyxeno (84, 17); e (4) a do próprio Aristóteles no ΠΕΡΙ ΙΔΕΩΝ. Vamos começar transcrevendo as provas da existência das ideias que conduzem ao terceiro homem, e em seguida, deixando de lado as formas (2) e (3) da dificuldade do terceiro homem, transcreveremos apenas as objeções (1) e (4).

⁵⁴ H. Cherniss, *op. cit.*, 1962, p.189.

⁵⁵ Estudos sobre o argumento do terceiro homem podem ser, por exemplo, encontrados em A. E. Taylor, "Parmenides, Zeno, and Socrates", 1934, *Philosophical Studies*; F.M. Cornford, *Plato and Parmenides*, 1939, p.87-95; G. Ryle, "Plato's Parmenides", *Mind*, n.s., XLVIII, 1939, p.129sq.; R. Robinson, "Plato's Parmenides", *Classical Philology*, XXXVII; H. Cherniss, *op. cit.*, 1962, p.290sq.; L. Robin, *op. cit.*, *passim*; D. Ross, *Plato's Theory of Ideas*, 1951, p.86sq.; G. Vlastos, "The Third Man Argument in the Parmenides", 1954, em R. E. Allen, *Studies in Plato's Metaphysics*, 1965, pp. 231-263; *Id.*, "Plato's 'Third Man' Argument (*Parm.* 132a1-b2): Text and Logic", *Philosophical Quarterly*, n.19, 1969, pp.289-301, reeditado em G. Vlastos, *Platonic Studies*, 1973, 1981, p.342sq.; P.T. Geach, "The Third Man again", 1956, em R. E. Allen, *op. cit.*, 1965, pp. 265-277; G. Vlastos, "Postscript to the Third Man: a Reply to Mr. Geach", 1956, em R. E. Allen, *ibid.*, pp.279-291; S. Mansion, *op. cit.*, 1949, p.186sq.; P. Wilpert, "Das Argument vom dritten Menschen", *Philologie*, 1940, p.51-64; Curt Arpe, "Das Argument TPITΘΣ ANΘPΩPIOΣ", *Hermes*, 76, 1941, pp.171-207; Gail Fine, *op. cit.*, 1993, p.155-77; Hermann Schmitz, *Die Ideenlehre des Aristoteles*, 1985, vol.2, pp.194-200 e 211.

⁵⁶ *Op. cit.*, 1949, p.186.

Franco, Irley F.; Brandão, Renato Matoso

Os Argumentos formais dos Platonistas em favor da existência das ideias no ΠΕΡΙ ΙΔΕΩΝ e na Metafísica A9 de Aristóteles

Argumento 5:

“O argumento que conduz ao terceiro homem é o seguinte. Os platonistas dizem que as coisas predicadas em comum de substâncias são no sentido próprio o que tais predicacões significam de seus sujeitos; além disso, eles dizem que as coisas que são semelhantes entre si o são por participação na mesma coisas, que é essa coisa no sentido próprio; e que essa coisa é a ideia.”⁵⁷

Objeção 5:

(1) “Mas se é assim, – e o que é predicado em comum de certas coisas, se não é o mesmo que nenhuma dessas coisas da qual ele é predicado, é alguma coisa independente dela (pois essa é a razão por que o homem ele mesmo é um gênero: porque ao ser predicado de homens particulares não era o mesmo que nenhum deles – haverá algum terceiro homem independente tanto dos homens particulares, como Sócrates, ou Platão, quanto da ideia, que é ela mesma numericamente uma.”⁵⁸

(4) “O terceiro homem pode ser ainda demonstrado da seguinte maneira. Se o que é predicado verdadeiramente de mais do que uma coisa é também [alguma] outra coisa independente das coisas das quais ele é predicado, sendo delas separado (pois isto é o que aqueles que defendem as ideias pensam estar provando; pois a razão por que, segundo eles, há alguma coisa, o homem em si, é porque homem é predicado verdadeiramente de homens particulares que são mais do que um, e é outra que homens particulares) mas se é assim, haverá algum terceiro homem. Pois se [o homem] predicado é outro do que aqueles de quem ele é predicado e subsiste por si mesmo, e homem é predicado tanto de homens particulares quanto da ideia, haverá um terceiro homem independente tanto dos homens particulares quanto da ideia. E nesse sentido haverá ainda um quarto homem, o que é predicado do terceiro homem, da ideia, e dos homens particulares, e similarmente um quinto, e assim *ad infinitum*.”⁵⁹

Com respeito a essa objeção, uma das questões mais instigantes parece ser a de que aparentemente ela é a mesma que aparece no *Parmênides* (132a1-b2 e 132d1-133a3), embora Aristóteles não faça nenhuma menção direta a Platão. Na tentativa de explicar essa falha, os

⁵⁷Alexandre, *ibid.*, 83, 34-84, 2; Hayduck, 62, 12-15: Ὁ δὲ λόγος ὁ τὸν ἀνθρώπων εἰσάγων τοιοῦτος. Λέγουσι τὰ κοινῶς κατεγορεύμενα τῶν οὐσιῶν κυρίως τε εἶναι τοιαῦτα, καὶ ταῦτα εἶναι ιδέας. ἔτι τὰ ὅμοια ἀλλήλοις τοῦ αὐτοῦ τινος μετουσίᾳ ὅμοια ἀλλήλοις εἶναι, ὃ κυρίως ἐστὶ τοῦτο. εἶναι τὴν ιδέαν.

⁵⁸Alexandre, *ibid.*, 84, 2-6; Hayduck, 62, 15-20: ἀλλ' εἰ τοῦτο, καὶ τὸ κατηγορούμενόν τινων κοινῶς, ἂν μὴ ταῦτὸν ἢ ἐκείνων τινὲ ὧν κατηγορεῖται, ἄλλοτί ἐστὶ παρ' ἐκείνα (διὰ τοῦτο γὰρ γένος ὁ αὐτοάνθρωπος, ὅτι κατηγορούμενος τῶν καθ' ἕκαστα οὐδενὶ αὐτῶν ἦν ὁ αὐτός), τρίτος ἄνθρωπος ἔσται τις παρὰ τε τὸν καθ' ἕκαστα, οἷον Σωκράτη καὶ Πλάτωνα, καὶ παρὰ τὴν ιδέαν, ἥτις καὶ αὐτὴ μία κατ' ἀριθμὸν ἐστίν.

⁵⁹ Alexandre, *ibid.*, 84, 27- 85, 3; Hayduck, 63, 6-9: ἀλλ' εἰ τοῦτο, ἔσται τις τρίτος ἄνθρωπος. εἰγὰρ ἄλλος ὁ κατηγορούμενος ὧν κατηγορεῖται, καὶ κατ' ἰδίαν ὑφ' ἑστώς, κατηγορεῖται δὲ κατὰ τε τῶν καθ' ἕκαστα καὶ κατὰ τῆς ιδέας ὁ ἄνθρωπος, ἔσται τρίτος τις ἄνθρωπος παρὰ τε τοὺς καθ' ἕκαστα καὶ τὴν ιδέαν. οὕτως δὲ καὶ τέταρτος ὁ κατὰ τε τούτου καὶ τῆς ιδέας καὶ τῶν καθ' ἕκαστα κατηγορούμενος, ὁμοίως δὲ καὶ πέμπτος, καὶ τοῦτο ἐπ' ἄπειρον.

Franco, Irley F.; Brandão, Renato Matoso

Os Argumentos formais dos Platonistas em favor da existência das ideias no ΠΕΡΙ ΙΔΕΩΝ e na Metafísica A9 de Aristóteles

scholars usaram, desde o método desesperado de supor que o *Parmênides* é espúrio, como foi o caso de Zeller, até o de negar o fato mesmo, interpretando a *Metafísica* 990b 17 como uma referência intencional ao *Parmênides*, como foi o caso de Jackson e Ross.

Entre um extremo e outro variam as opiniões que, segundo Cherniss, caem em duas classes: (a) a dos que afirmam que Platão tomou conhecimento do argumento através de Aristóteles, que o teria inventado e que, portanto, não teria nenhuma obrigação de mencionar Platão nessas passagens (por exemplo, D. G. Ritchie e R. Philippon); e (b) a dos que afirmam que nem Platão nem Aristóteles inventaram o argumento, e, dentre estes, a maioria, seguindo Baeumker, o atribuem a Polixeno (por exemplo, A. E. Taylor).

Todas essas hipóteses são consideradas falsas por Cherniss,⁶⁰ que corretamente observa que se Aristóteles não cita o autor do argumento não é por má-fé, mas porque citações e referências são convenções modernas e que, além disso, muito mais importante do que a questão em torno da autoria do argumento do terceiro homem é a de saber por que Aristóteles deixa de mencionar que Platão, embora conhecesse a objeção, não foi levado por ela a abandonar a hipótese das ideias.⁶¹

No que diz respeito à validade da objeção, Alexandre deixa claro que o argumento do terceiro homem depende da propriedade de autopredicação das ideias, isto é: é preciso que a ideia de beleza seja bela, a ideia de homem receba o predicado “ser-homem”, e assim por diante. Mais do que isso, a validade do argumento depende de que ideias e coisas sensíveis recebam seus predicados de maneira unívoca. Afinal, para que o regresso ao infinito ocorra, é necessário que a ideia de homem e os homens particulares sejam todos agrupados em um único conjunto de coisas que recebam, da mesma maneira, o predicado “ser-homem”. De fato, no *Parmênides*, é sugerido que a regressão ao infinito só acontece se a ideia é considerada como algo igual àquilo que dela participa: ἐὰν τὸ εἶδος τῷ ἑαυτοῦ μετέχοντι ὁμοιον γίγνηται (133a).

⁶⁰H. Cherniss, 1962, *op. cit.* p.276, n.184, para a questão da interpretação da *Metafísica* 990b17 como referência ao *Parmênides*; e p.292-293, para a questão da não-autenticidade do *Parmênides*. No que diz respeito a esta última, Cherniss diz que, ainda que o *Parmênides* fosse espúrio, o argumento do terceiro homem aparece em outros diálogos.

⁶¹*Ibid.*, p.293.

Franco, Irley F.; Brandão, Renato Matoso

Os Argumentos formais dos Platonistas em favor da existência das ideias no ΠΕΡΙ ΙΔΕΩΝ e na Metafísica A9 de Aristóteles

É justamente neste ponto que os comentadores divergem. Pois, se alguns apresentam passagens dos diálogos em que Platão parece afirmar a autopredicação das ideias, outros se recusam a admitir que ideias e particulares possam receber um determinado predicado de maneira unívoca. Segundo Cherniss⁶², por exemplo, ideias e coisas não poderiam receber seus predicados de maneira unívoca, porque enquanto os objetos sensíveis *têm* a propriedade de serem belos, em virtude de sua participação na ideia da beleza, a ideia da beleza *é* a propriedade de ser-belo. Assim, somente em sentenças contendo particulares sensíveis como sujeitos, o predicado estaria fornecendo uma descrição do sujeito em questão. Em sentenças na forma “a beleza é bela”, por outro lado, teríamos uma afirmação de identidade e não uma predicação ordinária.

Outros autores, como Allen, Geach, e Patterson,⁶³ sugerem que entendamos a relação entre ideias e coisas em analogia à relação entre um determinado objeto e suas múltiplas imagens. Todos eles alegam que as imagens não são *um caso de F* da mesma maneira que o original é F. Na relação entre um gato e as diversas fotos desse gato, por exemplo, parece óbvio que o gato original recebe o predicado “ser-um-gato” de um modo muito diferente do de suas imagens, pois estas, falando estritamente, não são gatos. Seguindo essa analogia, a ideia de belo seria a única coisa realmente bela, enquanto as múltiplas coisas sensíveis receberiam esse predicado de uma maneira meramente derivativa. De acordo com essa interpretação, ideias seriam modelos ou originais (παράδειγματα) dos quais os objetos sensíveis seriam imagens (εἶδωλα), cópias (εἰκόνες) ou imitações (μίμηματα). Novamente, nesse tipo de interpretação, ideias e particulares não receberiam seus predicados de maneira unívoca e o argumento do terceiro homem não representaria uma crítica válida à existência das ideias.

Que Platão não considerava a objeção fatal para a teoria das ideias, podemos deduzir da comparação das três passagens em que ela é mencionada nos diálogos: *Parmênides* 132a-b; 132d-133a; *Timeu*, 30c; 31a; e 39e; e *República* 597c (cf. 596a). No *Parmênides*, a objeção é apresentada como prova de que as ideias não seriam únicas, mas ilimitadas em número: καὶ

⁶² H. Cherniss, “The Relation of the *Timaeus* to Plato’s later Dialogues”, *American Journal of Philology*, vol. 78, No. 3 (1957), pp. 225-266.

⁶³ R. Allen, “Participation and Predication in Plato’s Middle Dialogues”, *Philosophical Review*, vol. 69, 1960; P. Geach, “The Third Man again”, *Philosophical Review*, vol. 65, 1956; R. Patterson, *Image and Reality in Plato’s Metaphysics*, 1985.

Franco, Irley F.; Brandão, Renato Matoso

Os Argumentos formais dos Platonistas em favor da existência das ideias no ΠΕΡΙ ΙΔΕΩΝ e na Metafísica A9 de Aristóteles

οὐκέτι δὴ ἐν ἑκάστῳ σοι τῶν εἰδῶν ἔσται, ἀλλὰ ἄπειρα τὸ πλῆθος (132b) e essa prova, segundo Parmênides, é consequente do argumento do próprio Sócrates em favor da existência das ideias, um argumento essencialmente semelhante ao do ἐν ἐπὶ πολλῶν(132a). O caráter único da ideia é aí destruído e o regresso ao infinito demonstrado pelo fato de ela ser considerada como membro individual de uma multiplicidade. No *Timeu*, entretanto, Platão usa o argumento do terceiro homem para demonstrar que a ideia de ζῶον é única, não podendo haver uma segunda, pois senão haveria uma outra, e não estas duas mas uma terceira que incluísse ambas seria a ideia a partir do qual o universo é formado (31a). O mesmo argumento aparece na *República* (597c) onde é dito que se houvesse duas ideias de cama necessariamente apareceria uma terceira da qual essas duas participariam e esta, e não as outras duas seriam a cama real (ὁ ἔστι κλίνη). Tanto na *República* quanto no *Timeu*, portanto, a objeção do terceiro homem não se aplica, parecendo, por comparação com a passagem citada do *Parmênides*, que, para Platão, ideias e particulares não podem ser tratados como membros homogêneos de uma multiplicidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALEXANDRE DE APHRODISIAS. *Alexandri Aphrodisiensis in Aristotelis Metaphysica Commentaria*. Ed. Michael Hayduck, 2 vols., Berolini, Georgii Reimerii, 1891.
- _____. *Alexander of Aphrodisias on Aristotle's Metaphysics I*. Trad. W. E. Doodley, Nova Iorque, Cornell University Press, 1989.
- _____. *In Aristotelis Metaphysica commentaria*, ed. Hayduck, Commentaria in Aristotelem Graeca 1, Berlin, Reimer, 1891.
- ARISTÓTELES. *The Works of Aristotle*. Trad. William David Ross, 12 vols., Oxford, Clarendon Press, 1984.
- _____. ΑΡΙΣΤΟΤΕΛΕΣ ΤΑ ΜΕΤΑ ΤΑ ΦΥΣΙΚΑ. Aristotle's Metaphysics. Intr. e comentários, William David Ross, 2 vols., Oxford, Clarendon Press, [1924], 1981.
- _____. ΑΡΙΣΤΟΤΕΛΕΣ ΤΑ ΜΕΤΑ ΤΑ ΦΥΣΙΚΑ. Metafísica de Aristóteles. ed. Trilingüe, Valentín Garcia Yebra. 2a. ed. revisada, Madrid, Editorial Gredos, [1970], 1990.
- PLATÃO. *Oeuvres Complètes*. 14 vols., Paris, Les Belles Lettres, 1920-1964.
- _____. *Oeuvres Complètes*. Trad. e notas L. Robin, com a colaboração de J. Moreau, 2 vols., Paris, Pléiade, 1940-1942.
- _____. *The Collected Dialogues, including the Letters*. Ed. Edith Hamilton e Huntington Cairns, Princeton, Princeton University Press, 1989.
- ALLEN, R.E. *Studies in Plato's Metaphysics*. Routledge & Kegan Paul (London) 1965; 1982.

Franco, Irley F.; Brandão, Renato Matoso

Os Argumentos formais dos Platonistas em favor da existência das ideias no ΠΕΡΙ ΙΔΕΩΝ e na Metafísica A9 de Aristóteles

- _____. "Participation and Predication in Plato's Middle Dialogues", *Philosophical Review*, vol. 69, 1960.
- ANNAS, Julia. "Forms and first Principles", *Phronesis*, n.19, 1974, pp.257-83.
- BARFORD, Robert. "A proof from the ΠΕΡΙ ΙΔΕΩΝ revisited", *Phronesis*, n.21, 1976, pp.198-218;
- BLUCK, R. S., "Aristotle, Plato and Ideas of Artefacta", *The Classical Review*, 1947, p.75-76.
- CHERNISS, H.. *Aristotle's Criticism of Plato and the Academy*. Nova Iorque, Russell & Russell, 1962.
- _____. *The Riddle of the Early Academy*. Nova Iorque e Londres, Garland Publishing, 1980.
- _____. "The Relation of the *Timaeus* to Plato's later Dialogues", *American Journal of Philology*, vol. 78, No. 3 (1957), pp. 225-266.
- _____. "Plato's "Third Man" Argument (*Parm.* 132a1-b2): Text and Logic", *Philosophical Quarterly*, n.19, 1969, pp.289-301, reeditado em G. Vlastos, *Platonic Studies*, 1973, 1981, p.342sq.
- CORNFORD, Francis MacDonald. "Plato's Theory of Knowledge: the *Theaetetus* and the *Sophist* of Plato", Psychology Press, 2000.
- _____. *Plato and Parmenides: Parmenides' Way of Truth and Plato's Parmenides*. Kegan Paul, Trench, Trubner & Co., 1939.
- FINE, Gail. "The One over Many". *Philosophical Review*, n. 89, 1980.
- _____. "Aristotle and the More Accurate Arguments," *Language and Logos*, 1982.
- FRANK, Daniel. "A Disproof in the ΠΕΡΙ ΙΔΕΩΝ", em *Southern Journal of Philosophy*, n.22, 1984, pp.49-59.
- GEACH, P.T. "The Third Man again", 1956, em R. E. Allen, *Studies in Plato's Metaphysics*, 1965, pp. 265-277.
- JACKSON, Henry. "Plato's later Theory of Ideas. I. The *Philebus* and Aristotle's *Metaphysics* I, 6", em *The Journal of Philology*, X, 1881, pp.253-98.
- MANSION, Suzanne. "La critique de la théorie des Idées dans le ΠΕΡΙ ΙΔΕΩΝ d'Aristote". *Révue Philosophique de Louvain*, n. 47, 1949.
- NARCY, Michel. "L'homonymie entre Aristote et ses commentateurs néo-platoniciens", *Études Philosophiques*, 35, 1981.
- ROBIN, L.. *La théorie platonicienne des idées et des nombres d'après Aristote. Étude historique et critique*. Paris, Presses Universitaires de France, 1908.
- ROBINSON, R. "Plato's Parmenides", *Classical Philology*, XXXVII, No. 1 (Jan., 1942), pp. 51-76.
- ROSS, David. *Plato's Theory of Ideas*. Oxford, 1951.
- _____. *Aristotle Fragmenta Selecta*. Oxford, Oxford Classical Text, 1955.
- ROWE, C. J. "The proof from Relatives in the ΠΕΡΙ ΙΔΕΩΝ further reconsideration", *Phronesis*, n.24, 1979, pp.270-81;

Franco, Irley F.; Brandão, Renato Matoso

Os Argumentos formais dos Platonistas em favor da existência das ideias no ΠΕΡΙ ΙΔΕΩΝ e na Metafísica A9 de Aristóteles

RYLE, G. "Plato's Parmenides", *Mind*, XLVIII, 1939, p.129sq.

OWEN, G. E. L. "A proof in the ΠΕΡΙ ΙΔΕΩΝ", *Journal of Hellenic Studies*, 1957, reeditado por R. E. Allen, em *Studies in Plato's Metaphysics*, 1965, pp.293-312.

TAYLOR, A. E. *Plato's Parmenides*. Oxford, 1934.

_____. "Parmenides, Zeno, and Socrates", *Philosophical Studies*, 1934.

VLASTOS, G. "The Third Man Argument in the Parmenides", 1954, em R. E. Allen, *Studies in Plato's Metaphysics*, 1965, pp. 231-263.

_____. "Postscript to the Third Man: a Reply to Mr. Geach", 1956, em R. E. Allen, *ibid.*, pp.279-291

PATTERSON, R. *Image and Reality in Plato's Metaphysics*, Hackett, Indianapolis, 1985.

[Recebido em julho de 2014; aceito em julho de 2014.]